

# Apresentação

*José Carlos A. Pereira*

A presente edição da Revista Travessia propõe debates sobre diversos temas das realidades dos migrantes: há textos que abordam sobre literatura e migração; memória; biblioteca pública como espaço de leitura, informação, atividades recreativas e segurança para pessoas em situação de rua, dentre elas, migrantes; migrações por estilo de vida; imigrantes brasileiros profissionalmente qualificados no Canadá; etnicidade e festas culturais, com enfoque nos teuto-brasileiros; o potencial e os desafios de universidades na contribuição à acolhida e inserção social de pessoas em situação de refúgio; a visibilidade e a inserção social de sírios na cidade do Rio de Janeiro, a partir de suas atividades comerciais; as diferenças do “eu” e do “nós” em estudos de caso sobre mobilidade humana; o (não)reconhecimento da categoria “migrantes climáticos” e a possibilidade de direitos para pessoas migrantes atingidas pelas mudanças climáticas; o assassinato de Moïse Mugenyi Kabagambe, imigrante congolês, como mais uma demonstração do racismo estrutural da sociedade brasileira que, por sua vez, (re)produz o mito da democracia racial; e a (in) visibilidade violenta sobre trabalhadores que constroem e sustentam o pulso frenético da metrópole, sem nela poder gozar ou gozando muito precariamente, de fato e de direito, o “sétimo dia”.

Essa sumarização nos antecipa que a edição 93 de Travessia não traz um dossiê com aprofundamento em um tema específico. Contudo, as questões abordadas dialogam e articulam entre si. E isto não apenas porque a Revista Travessia seja especializada em migrações. Outrossim porque os textos tomam como princípio, explícito ou implícito, o direito humano de migrar (o que pode ser entendido por emigração – previsto na legislação internacional de direitos humanos –, mas, também, por imigração, sendo este último ausente na referida legislação) e o direito à acolhida universal já debatidos, mas não esgotados, por Jürgen Habermas (2004), Seyla Benhabib (2005), Hannah Arendt (2007), Immanuel Kant (2008) etc.

Os diversos temas, trazidos à baila com um fio condutor na perspectiva do direito à acolhida – acolhida de modo integral, como proposto pelo Papa Francisco (2017) a partir da concepção de quatro verbos: “acolher, proteger, promover e integrar” migrantes e refugiados em situação de vulnerabilidade social – contribuem para ilustrar a multiplicidade de situações sociais, teóricas e metodológicas nas quais tal direito pode e deve ser abordado em vista de melhor compreensão, difusão e gozo efetivo de suas propostas e significados. E isto, sobretudo, em contextos políticos e em sociedades estruturadas na violência

étnico racial, na xenofobia, nas relações assimétricas de gênero, na injustiça social e no manejo predatório de recursos naturais que sustentam e reproduzem formas de dominação e violação de direitos que, por sua vez, são fundantes da produção e reprodução capitalista.

Não obstante seu estreito diálogo com a defesa do direito à acolhida, os temas dessa edição (literatura, memória, trabalho, estilo de vida, mudanças climáticas, alteridade/identidade, violência) têm autonomia teórica e metodológica próprias sem prejuízo para a articulação entre si e com outras perspectivas epistemológicas como a psicologia, a linguística, a educação, a sociologia da afetividade, as relações internacionais etc., hoje tão pertinentes para pensar e buscar soluções para questões práticas de saúde mental, parentalidade na migração, cruzamento de fronteiras e o “direito a ter direitos” (Arendt, 2007) de migrantes, refugiados e suas famílias, principalmente no que tange à participação crescente de crianças e mulheres nos processos migratórios.

É assim que Edimilson Rodrigues, em *Velejando sobre o manto da infância nas poesias africanas de expressão portuguesa – O menino e o búzio*, de Sebastião Alba e *Saudade e espanto*, de Mark Dennis Velhinho, propõe abordagens sobre a memória a partir de “questões sobre o mar na literatura africana de expressão portuguesa”. O autor, em texto de primor literário e sociológico, toma “algumas das metáforas de tempo e infância como constituintes da memória”. Ao navegar pelo vai e vem da memória em conchas de búzios disfarçadas de navios, Rodrigues sugere, nas entrelinhas, uma estreita relação entre as naus lusitanas, a poesia africana, a imaginação, memória e migração.

Luiza Arantes Nasser, em *Lugar para estar: a frequência de pessoas em situação de rua na biblioteca pública*, analisa a frequência de pessoas em situação de rua, dentre elas migrantes, em bibliotecas públicas de São Paulo, e possibilidades dessas bibliotecas oferecerem acolhimento àquelas pessoas. O artigo de Luiza Arantes Nasser torna-se ainda mais relevante em um contexto de baixa produção de pesquisas acadêmicas, no Brasil, sobre esse tema e, também, numa quadra histórica dramática em que aumenta a população em situação de rua, em face do desemprego crescente, despejos de moradias, Covid-19 ao lado de outras mazelas sociais, já há muito conhecidas, como a violência, o alcoolismo e uso de drogas ilícitas escamoteadas por setores do poder público e por grupos sociais conservadores como “coisas de vagabundo”.

Daniel Robins, em “*A Migração do Sul Global para o Norte Global por estilo de vida: individualismo, classe social e liberdade em uma cidade de ‘superdiversidade’*”, faz uma análise sobre migrantes brasileiros de classe média em Londres – na perspectiva conceitual de “migrantes por estilo de vida” – em relação aos cognominados “migrantes econômicos”. O autor destaca a dicotomia estabelecida entre o primeiro e o segundo grupo de migrantes, na qual este último é visto pelo primeiro como o “outro” num processo de construção e demarcação de alteridades que envolve o pertencimento a uma determinada classe social, status e estilo de vida.

Lucia Maria Machado Bógus e Ana Maria Morini, em *“Migração qualificada: profissionais brasileiros qualificados no Canadá”*, propõem a ampliação do conceito de migração qualificada como uma modalidade no universo teórico metodológico da mobilidade humana, a partir da análise da inserção de migrantes brasileiros, profissionalmente qualificados, no mercado de trabalho canadense. As pesquisadoras ponderam que a melhor qualidade de vida no Canadá “compensa os desafios profissionais” que os migrantes precisam superar para ocupar postos de trabalho compatíveis com a sua formação ou qualificação profissional.

Fernando Diehl, em *“A reprodução da etnicidade teuto-brasileira nas oktoberfest”*, discorre sobre a “reprodução da identidade dos imigrantes em suas respectivas festas étnicas, com enfoque na população teuto-brasileira e as Oktoberfest que ocorrem no Brasil”. Ao analisar a oktoberfest, o autor observa que, ao contrário do que se imagina, a festa étnica não tem uma dimensão estática. Na verdade, ela é composta por simbologias que, de maneira processual, produzem signos que demarcam fronteiras de diferenciação étnica.

Rebeca Haddad, Guilherme dal Secco, Silvia Regina Viodres Inoue e Denise Martin, em *“Trocias culturais: universidade e pessoas refugiadas”*, buscam compreender os desafios inerentes ao processo de inserção de pessoas, em situação de refúgio, em universidades brasileiras. A despeito de conquistas importantes como a implementação das cátedras Sergio Vieira de Mello, e “bolsas de estudos”, os autores apontam para obstáculos (proficiência em Língua Portuguesa, barreiras culturais, condição socioeconômica, lenta integração à comunidade acadêmica, dependência da internet e computadores da universidade) que bloqueiam o acesso de refugiados às universidades brasileiras.

Isabella Ferreira Silva e Alinne Ferreira da Silva, em *“A presença síria na cidade do Rio de Janeiro: uma análise socioespacial”*, analisam o contexto histórico e as relações de imigrantes sírios na capital fluminense. As autoras observam que as barraquinhas de comida árabe são expressão significativa da presença desses imigrantes em alguns bairros e regiões, “o que permite concluir que essa população tem um importante papel na constituição sócio-econômico-espacial na cidade do Rio de Janeiro”.

Beatriz Castelo Branco Maciel em, *“Migrar intersubjetivo: um ensaio sobre as diferenças do “eu” e do “nós” em estudos de caso sobre a mobilidade”*, analisa a “dicotomia entre indivíduo e sociedade através do trabalho de Christina Toren, João de Pina-Cabral, Udeni Appuhamilage e Maurice Leenhardt, a partir da perspectiva de migrantes de países da África Subsaariana que moram no Brasil”. A autora destaca aspectos concretos das experiências dos migrantes, relacionando-os com o papel da construção de uma consciência individual. Para isso, utiliza estudos atrelados à intersubjetividade e à sociabilidade.

Jéssica Aline Gomes, em *“O (não) reconhecimento da migração climática e a possibilidade de proteção pelos mecanismos do direito das mudanças climáticas”*, analisa a relação entre clima e migrações, o não reconhecimento da categoria de

migrantes climáticos e os motivos da ausência de um tratado internacional sobre o tema. A autora também destaca os instrumentos jurídicos que normatizam os efeitos sociais das mudanças climáticas, e aponta para a possibilidade de utilizar mecanismos de adaptação, perdas e danos para regulamentar essas migrações.

Sergio Ricciuto Conte, artista visual e capista de Travessia, em *“Quem me matou foi o Brasil”*, homenageia Moïse Mugenyi Kabagambe, refugiado congolês, espancando até a morte na cidade do Rio de Janeiro, por ter reivindicado o pagamento por seu trabalho em um trailer fast food.

Alfredo José Gonçalves, missionário scalabriniano e Vice-presidente do Serviço Pastoral dos Migrantes, em *“Eu só queria trabalho e pão”*, também homenageia Moïse Mugenyi Kabagambe.

Na verdade, Sergio Ricciuto e Alfredo Gonçalves, ao prestarem tributo a Moïse, homenageiam todas as pessoas migrantes, refugiadas, solicitantes de refúgio, apátridas, deslocadas que procuram romper fronteiras geográficas, políticas, sociais e culturais em busca de dignidade humana. Cabe ainda destacar, em suas respectivas homenagens, por um lado, a denúncia do caráter racial e xenófobo que estrutura a sociedade brasileira e, por outro, a prerrogativa de que migrantes buscam oportunidades, um novo recomeço para suas vidas e oferecem possibilidades de maior riqueza e intercâmbio cultural, desenvolvimento econômico, político e social para sociedades de origem, trânsito, destino e circularidade das migrações.

Luiz Kohara, engenheiro (FAU/USP), assessor de movimentos de luta por moradia no Brasil, professor e membro do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, em *“A formiguinha urbana e Deus Todo Poderoso”*, nos convida a refletir sobre as condições de vida e de trabalho das pessoas que cruzam e recruzam as metrópoles num frenesi laboral permanente mas que, quase sempre, sofrem a violência do não reconhecimento e da invisibilidade social. Mesmo assim, esses trabalhadores desafiam o poder e a lógica predatória do capital, a subserviência de instituições políticas e sociais, a indiferença de grupos sociais avessos a igualdade jurídica das pessoas, e estão ali como uma resiliência e uma utopia pelo direito à cidade e à vida.

Um das palavras sobre a arte da capa, de Sergio Ricciuto Conte, para esta edição. Nela vemos uma cidade – que sugere pluralidade de moradas, de identidades, de vidas, de pessoas – onde podemos criar, transformar e experimentar relações sociais, num processo contínuo de tensões, disputas, mas também de afirmação de alteridades e possibilidades; uma cidade complexa, espelho das nossas capacidades criativas e onde, ao menos em potência, cabemos todos, migrantes e autóctones.

A cidade evoca os livros e o tema da literatura como registros das nossas práticas e reflexões, meios e mediações das nossas memórias, dos territórios objetivos, subjetivos, metafísicos que construímos, por onde podemos caminhar, chegar e sermos acolhidos.

A silhueta da árvore, com seu tronco fixo e seus pássaros migrantes, propõe um contraponto à cristalização de qualquer ideia ou visão unilateral de mundo, pois também sugerem caminhos para a mobilidade e, através dela, a capacidade de fazermos novas todas as coisas, inclusive as concepções de humanidade e modernidade tão desgastadas pela estupidez da xenofobia, do racismo e da guerra em nosso tempo.

Em síntese, há uma objetividade, mas também uma subjetividade, amalgamadas entre si, que nos convidam a diferentes interpretações e formas de reagir ao que foi feito de nós, de sermos e estarmos no mundo da vida com seus múltiplos sertões e veredas onde, simultaneamente, tudo é e não é. Pois, não obstante a força estrutural e destrutiva da ideia do outro como estranho e inimigo, também há uma potência para a concepção do outro como oportunidade para nós, para a cidade e para o amor universal. Outra modernidade é possível? Sob que pressupostos e a partir de quais caminhos?

Boa leitura!

## REFERÊNCIAS

ARENDETT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2007.

BENHABIB, Seyla. **Los derechos de los otros**. Barcelona: Gedisa, 2005.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco aos participantes no Fórum Internacional sobre Migração e Paz**. Roma, 2017. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco\\_20170221\\_forum-migrasioni-pace.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170221_forum-migrasioni-pace.html)>. Acesso em 10 de fevereiro de 2022.

HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do outro**: estudos de teoria política. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

KANT, Immanuel. **A paz perpétua**. um projecto filosófico. Trad. Artur Morão. Coleção: Textos Clássicos de Filosofia. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008. Disponível em: <<https://missaonspaz.org/politicas-institucionais/>>. Acesso em 14 de fevereiro de 2022.

